



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à revista Carta-Capital**

**Palácio do Planalto, 07 de dezembro de 2005**

**Mino Carta:** Janeiro de 1978, fui ao ABC de São Paulo para entrevistar o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Luiz Inácio da Silva, o Lula. Ia com o repórter Bernardo Lerer e a longa conversa transformou-se em capa da revista IstoÉ, cuja redação eu dirigia.

Chamavam a atenção no entrevistado inúmeras, transparentes qualidades: Q.I. alto, autoconfiança, bravura, determinação, carisma. E belos propósitos e crenças. Tratava-se, claramente, de uma liderança nova, e insólita, para um sindicalismo conduzido, desde o nascimento, por pelegos.

Ainda assim, se Palas Atheneia, deusa da sabedoria, ou um profeta bíblico, soprasse em meus ouvidos que cerca de 28 anos depois entrevistaria Luiz Inácio Lula da Silva no gabinete presidencial do Palácio do Planalto, eu seria assaltado pelo espanto. Quanta vida em quase três décadas...

Percebi em Lula, na tarde remota de São Bernardo, uma natural agitação, própria de quem vive com intensidade, temperada pelo bom humor, também natural, e este, por sua vez, não desprovido de ironia. Saudável. No Planalto, na quarta-feira 7, encontrei o mesmo Lula, epidermicamente inquieto, porém sereno, e até alegre.

Tive a sensação de que, no topo da fulgurante ascensão, do ABC a Brasília, ele achou a mais exata serventia para seus humores genuínos, e os tornou instrumentos afiados do mister político. É o que colhi nos gestos contidos, na fala pacata, no sorriso, mesmo na hora das palavras fortes.

Algo mais senti. Primeiro, que a decisão quanto à reeleição ainda não foi tomada, de verdade. Segundo, que os juroos vão cair de fato, e de forma mais pronunciada do que dão a entender as declarações entre aspas.



**Carta-Capital:** Qual é o projeto que o PT trouxe para o governo e pretende continuar a aplicar?

**Presidente:** O projeto estava escrito no programa do partido e eu acho que permanece muito atual, porque você não consegue aplicar um programa de transformação em quatro anos e, possivelmente, nem em oito. Mas nós tínhamos duas metas: fazer a economia voltar a crescer e diminuir a desigualdade. E fazer com que, pelo menos, eu cumprisse o prometido no discurso de posse. Ou seja, se, ao terminar o meu mandato, todos os brasileiros tomarem café da manhã, almoçar e jantar eu terei realizado um grande compromisso com o meu País. Acho que estamos conseguindo, se nós levarmos em conta o que encontramos. Se nós levarmos em conta nossa realidade e o que nós tivemos de consertar, acho que nós avançamos. Mesmo assim, se alguém disser que poderíamos ter avançado mais, dirá a verdade.

**Carta-Capital:** Em que setores?

**Presidente:** Por exemplo, quando decidimos fazer uma política de comércio exterior arrojada. Eu entendia que o Brasil tinha de sair pelo mundo para vender seus produtos. E fizemos tantas viagens quantas foram necessárias, os ministros fizeram, trouxemos governantes aqui, e percebemos que nós não tínhamos uma infra-estrutura preparada para esse crescimento da nossa política comercial.

Entre o fim de 2003 e o começo de 2004, tomei uma decisão: os ministros, da Agricultura, Indústria e Comércio, Casa Civil, Fazenda, Transportes, e outros, iriam visitar os principais portos do País para ver como adaptá-los ao projeto.



Naquele mesmo ano nós disponibilizamos cerca de R\$ 176 milhões para adequar os portos à nova realidade. E essas coisas não andam como a gente gostaria. Você encontra problemas de obras erradas, problemas ambientais, problemas com o Ministério Público, problemas de gerenciamento. Agora mesmo terei uma nova reunião, com todo mundo que trabalha no suporte, para saber por que tudo não aconteceu como pretendíamos em novembro de 2003.

Outro setor em que poderíamos ter avançado mais: rodovias. Pegamos as rodovias sem manutenção havia décadas. Dado grave, porque se esse é um patrimônio da União que, se você fizer manutenção, vai durar muito tempo, mas se você não faz, buraquinho vira cratera. E eram milhares e milhares e milhares de quilômetros totalmente deteriorados, além da necessidade de coisas novas que nós tínhamos de fazer, e mais a questão do governo federal ter passado 14 mil quilômetros de estradas para os governos estaduais, e grande parte do dinheiro foi utilizada para pagar salários atrasados. Criamos um programa especial para fazer as estradas, esse programa recebeu em 2005 R\$ 3 bilhões, fora uma parte do orçamento do próprio ministério. E aí nós descobrimos algumas coisas que são da estrutura do Estado brasileiro.

Vou te dar um exemplo: eu queria começar, em março deste ano, a BR-101, que liga todo o litoral nordestino, vai de Natal a Salvador. Quando parecia que tudo estava pronto, o Tribunal de Contas detectou imbróglis no preço da licitação. Paramos, refizemos os estudos, refizemos a licitação e, quando achamos que finalmente iríamos começar, uma empresa entra com um processo contra as outras e o juiz dá uma liminar. Até que, no mês passado, tomamos a decisão de chamar o Exército, através dos seus batalhões de engenharia, para fazer três trechos dessa obra, enquanto as empresas brigam. Nós vamos começar a fazer 50 quilômetros do lado pernambucano, 50 quilômetros do lado paraibano e 50 quilômetros do lado do Rio Grande do Norte.



Enquanto isso, tentamos resolver os problemas com a Justiça e com as empresas, senão nós vamos dar para o Exército fazer toda a obra. Onde acho que demos certo? Ferrovias. E aí está a Transnordestina, cujo acordo financeiro já foi pactuado, a Ferro Norte-Sul. Eu fui muito contra ela em 1987 e agora estou percebendo que é fundamental para o transporte da produção no Centro-Oeste brasileiro. E, enfim, está andando rapidamente. De um modo geral, mesmo que não tenhamos atingido a excelência, criamos condições para um novo ciclo de desenvolvimento duradouro, que não seja um vôo de galinha.

**Carta-Capital:** Mas em que elementos o seu governo baseia essa idéia de que realmente se criam condições para o desenvolvimento?

**Presidente:** Talvez estejamos ainda longe do que o Brasil precisa. Mas para crescer é preciso construir bases sólidas. Na história recente, se você considerar os últimos 20 ou 30 anos, vai perceber que o Brasil tem uma história sui generis, ou seja, toda vez que o Brasil decidiu crescer economicamente, cresceu com inflação alta. E toda vez que o Brasil decidiu exportar, asfixiou o mercado interno. O que nós estamos provando? Que é possível você crescer com inflação baixa e que é possível exportar sem asfixiar o mercado interno. Você não pode levar em conta o último trimestre deste ano, porque o Brasil tem cultura inflacionária, o comerciante pouco respeita o consumidor na hora de aumentar preço. E nós temos como único instrumento, e isso é um erro, o Banco Central para controlar a inflação através dos juros. Precisamos nos dotar de mecanismos para controlar a inflação sem permitir que os juros sejam o instrumento exclusivo. E tomamos uma medida, que achei muito importante, a redução da alíquota da importação de aço. O aço estava aumentando muito.

**Carta-Capital:** Mas como não levar em conta a queda do PIB?



**Presidente:** Concordo, foi uma notícia péssima o PIB. Eu esperava que não caísse tanto, esperava que até chegasse a zero. Mas hoje pego os dados da Anfavea: as exportações de carro vão crescer 30%, a produção cresceu quase 11%, o licenciamento aumentou 15,5%.

O setor de embalagens também vai bem, um sinal muito importante. Não sou de fazer prognóstico, porque não sou economista. Economista é que faz prognóstico, mas tenho dito para todo mundo que não tem por que o Brasil não crescer 5%, ou acima de 5%, em 2006, não tem por quê. Condições? A inflação está controlada. Temos reservas comerciais, portanto, a nossa credibilidade para o comércio exterior está garantida. Não temos mais pressão do FMI vindo aqui e dizendo o que temos de fazer. Temos, portanto, de ser o fiel da balança no crescimento econômico mundial.

O Brasil pode crescer e pode crescer bem no próximo ano. E eu trabalho com a idéia de que a gente cresça por alguns anos seguidos, para recuperar as décadas perdidas.

**Carta-Capital:** Há economistas e empresários que dizem que a atual política econômica não permite crescimento.

**Presidente:** Tenho o mais profundo respeito pelos economistas, alguns dos mais brilhantes. Mas veja, há alguma coisa que não está sendo levada em conta no receituário de muitos companheiros que estudam economia. Eu passei parte da minha vida discutindo crescimento da poupança interna. E a poupança interna saltou de 17% para 24%, o que é uma bruta poupança interna se comparada aos padrões brasileiros.

O crédito consignado colocou R\$ 29 bilhões no mercado, que não estão servindo para comprar dólar para guardar. As pessoas estão consumindo. Na política social, só o Ministério do Desenvolvimento Social dispõe de R\$ 17 bilhões este ano e vai ter R\$ 21 bilhões no ano que vem. Não é gasto, é



investimento. Tudo isso me dá a garantia de que a política econômica não inibe, necessariamente, a política social. O que nós quisemos provar é que é possível fazer política social mesmo ao custo de um ajuste pesado, que nós sofremos em 2003. Não foram poucas as vezes em que eu fiquei acordado pensando se era necessário fazer um ajuste tão forte.

**Carta-Capital:** Há uma intenção de dosar um pouco esse remédio tão poderoso, o juro alto?

**Presidente:** Sim. Certo é que não podemos permitir que a inflação volte a dois dígitos. Porque, quando ela ultrapassar a barreira dos dez, ninguém segura. Então, precisamos fazer um esforço para manter a inflação baixa, e um esforço para ir reduzindo a taxa de juros. Na medida em que se criam condições para que a taxa de juros não seja o único meio de controle. Esse é o dilema. Você determina uma meta de inflação e entrega ao Banco Central a tarefa de atingi-la. E o único instrumento que o Banco Central tem é a taxa de juros, para diminuir a demanda.

Nós temos conversado sistematicamente e eu tenho mostrado que não se controla a demanda com a taxa de juros. Aí controla-se mais o investimento do que a demanda, porque a demanda, com a quantidade de dinheiro que nós colocamos no mercado... Se você pegar a agricultura familiar, que nesse período é de R\$ 9 bilhões, e o Bolsa Família, que vai a R\$ 7,5 bilhões, se pegar o crédito consignado, R\$ 29 bilhões, se você pegar o Estatuto do Idoso, que coloca no mercado, inscritos para conseguir um salário mínimo, 200 mil pessoas por ano. Esse dinheiro está na mão.

Se você analisar o crescimento do valor do salário mínimo em relação à cesta básica, você percebe que a gente não vai conseguir diminuir a demanda apenas pela taxa Selic. Agora, obviamente, a taxa Selic termina por ser o inibidor de uma parte dos investimentos brasileiros, como a TJLP, como



qualquer política em que o crédito seja mais caro. Agora, para mudar um passo a mais é preciso tomar cuidado para não dar dez passos atrás. Você está lembrado do passado, quando as coisas não andavam certo? O que o governo fazia? Fazia o mesmo que faz a diretoria de um time de futebol: troca o técnico. Em vez de contratar mais jogadores, troca o técnico.

**Carta-Capital:** Parece que a Dilma e o Rodrigues não estão tão de acordo...

**Presidente:** Eu converso muito com a Dilma... é normal. O Brasil é o único país do mundo em que as pessoas estranham divergências sobre a economia. Eu aqui, dentro da minha sala, inclusive incentivo. Nunca gostei de conversar com um economista só. Toda vez que eu ouvia um que falava contra, queria ouvir outro. A discussão permite que a gente encontre o ponto comum. O que eu não concordo é que essa briga se dê pela imprensa antes de encontrar uma solução. Vou dar um exemplo. Tinha uma discussão, que foi levantada pelo ministro Paulo Bernardo sobre um ajuste fiscal de longo prazo. Isso não tinha nem passado pela minha mão, não tinha nem chegado aqui. Aliás, tive uma conversa há muito tempo com o Delfim Netto. Pois bem, de repente vejo isso na imprensa como se fosse decisão de governo promover a discussão. Chamei a Dilma, o Paulo Bernardo e o Palocci, e falei: “Olha, essas coisas só são políticas públicas quando determinadas por mim. Enquanto vocês estiverem teorizando, fica entre vocês. Na hora em que vier para a minha mesa e nós decidirmos, então vira política de Estado e nós vamos dizer o que vai acontecer”.

Mas eu não me aborreço com essas divergências internas, acho salutares. Até porque, trabalho com a idéia de que todas as decisões econômicas têm de estar embasadas em discussões políticas.

**Carta-Capital:** O senhor vai concorrer à reeleição?



**Presidente:** Vamos deixar isso para fevereiro ou março do ano que vem. Eu tenho muitas ressalvas ao instituto da reeleição. Por isso, votei contra na Constituinte de 88. A tese da reeleição é uma tese que não me agrada e não acho prudente para o Brasil. Espero que em 2006 possamos discutir uma reforma política para que, a partir de 2011, o presidente possa gozar de um mandato maior, sem reeleição. Aliás, no Brasil era assim. E estava bom assim. Não fosse a vaidade de determinadas pessoas.

**Carta-Capital:** Por que o senhor não dá nome aos bois?

**Presidente:** Porque não quero passar ressentimento. Mas é importante lembrar. Em 1994, no mês de março, eu estava acima de 40% nas pesquisas de opinião pública. Então, inventaram uma lei que não somente reduzia o tempo na televisão de imagens externas, mas também reduzia o mandato presidencial para quatro anos. Medo de que o Lula ganhasse as eleições. Acontece que eu não ganhei as eleições, aí, aprova-se a reeleição, que é um instituto muito mais pernicioso do que o mandato de cinco anos.

**Carta-Capital:** No dia seguinte à posse, o eleito começa a pensar na reeleição...

**Presidente:** Tem reeleição, o eleito tem de se matar para trabalhar. No governo passado, você veja, a reeleição foi aprovada em 1996. De 1996 até 2002, pouca coisa aconteceu. Converso com muitos governadores reeleitos. Muitos deles estão sem poder pagar 13º, sem poder pagar férias... Então fico pensando: será que essa coisa é boa? Eu tenho dito aos meus companheiros que não vou me apressar. Obviamente, tenho de respeitar meus companheiros de partido, meus aliados, mas tenho de respeitar também minha intimidade



pessoal. Determinadas decisões passam por foro íntimo. Então vou pensar bem, porque acho que muita coisa vai acontecer até fevereiro ou março ainda.

**Carta-Capital:** O quê?

**Presidente:** O Natal e o carnaval, pelo menos...

**Carta-Capital:** A propósito das vaidades: como o senhor se sente, lembrando velhos tempos, em relação às atitudes tomadas por Fernando Henrique no quadro da chamada crise política?

**Presidente:** Em 25 de fevereiro de 2003, fui a Davos. Estava no auge a questão da Guerra do Iraque. Tive uma conversa com Bill Clinton, e perguntei: “Presidente, qual é a avaliação que o senhor faz do comportamento do presidente Bush nessa questão do Iraque?” Respondeu: “Presidente Lula, nos EUA um ex-presidente não tem como cultura política ficar analisando as decisões do presidente eleito, portanto, eu queria lhe pedir desculpas e não comentar”. Eu, no dia em que deixar a Presidência... Eu não sei como um presidente da República pode ficar fazendo comentários sobre outro presidente sem olhar o telhado dele.

Depois que você chega a presidente da República de um país você não precisa ser mais nada. Você pode voltar para a sua vida, cuidar da família, pode fazer uma palestra aqui e outra ali, pode ser conselheiro. Nesses dias houve uma discussão se não seria importante que os ex-presidentes virassem senadores vitalícios, com direito a participação na discussão, mas sem direito a voto. Ora, um presidente da República, se quiser ser senador, que se candidate e ganhe e seja igual aos outros. Por que nós vamos ter vitalício? Cada país tem sua cultura, cada país tem sua história e eu fico pensando que jamais cabe ao presidente da República ficar insinuando o que o outro deveria



fazer, o que o outro fez de certo ou fez de errado. Por uma questão de educação, por uma questão de respeito, e por outra ainda: toda a vez em que você der palpite sobre o que o outro está fazendo, você tem de olhar o que você fez.

**Carta-Capital:** A propósito, quando o senhor assumiu disse que, para o bem do País, não ia investigar a atuação do seu antecessor. Se não me engano, houve referência a irregularidades. Ou foi mesmo pronunciada a palavra corrupção?

**Presidente:** Isso deu celeuma muito grande no governo, se a gente deveria fazer uma auditoria profunda em razão da quantidade de denúncias que haviam aparecido. Eu considerei: estamos tomando posse, 2003 vai ser o ano mais difícil do ponto de vista administrativo, porque é pontapé. Se eu dedicar seis ou oito meses do meu mandato para ficar investigando, apurando, denunciando e brigando pela imprensa, vou deixar de governar um ano. Eu vou deixar para lá. Vou dedicar os meus quatro anos a governar o Brasil. Vários ministros queriam fazer esse enfrentamento e eu falei: “Pega a tua pasta e administra”. Eu acho que foi bom para o Brasil que a gente tenha feito isso. Porque no ano de 2003 a gente teve...

Eu tomo posse, uma das primeiras atitudes minhas foi ter de fazer o contingenciamento de quase R\$ 14 bilhões. Você imagina um cidadão que veio, como eu, lá de São Bernardo do Campo, e tem R\$ 14 bilhões para investir em políticas sociais. Era tudo o que eu queria. Mas a situação do País não comportava, o orçamento não batia com a nossa realidade, então, fomos obrigados a fazer o contingenciamento, para a gente poder ir acertando as coisas.

**Carta-Capital:** Como o senhor encontrou o País?



**Presidente:** A máquina pública brasileira estava desmontada. Totalmente desmontada. Se você visitasse qualquer ministério, perceberia que a máquina pública brasileira inexistia. Muita coisa terceirizada, fiscais não havia... Aliás, não tinha nem perícia médica, até com isso eles tinham acabado. Por causa de uma greve acabaram com a perícia médica. Muitos ministérios não funcionavam, a nossa credibilidade no exterior era ruim, muito ruim. E aí eu acho que foi uma coisa importante que aconteceu, que foi a nossa opção pela ousadia em política internacional. Não vamos permitir que os outros analisem o Brasil pelo que já falaram de mim lá fora. Então, qual era a minha lógica? Nós vamos ter de sair para mostrar o que é o Brasil do nosso ponto de vista. E eu acho que nós conseguimos uma coisa importante, recuperar a credibilidade do País, fazer com que o Brasil pudesse ter um papel mais importante. Hoje, o Brasil não é mais coadjuvante. Os defensores do colonialismo acham que o Brasil tem de pedir licença aos EUA para fazer qualquer coisa, escrevem que a nossa política externa está errada. A verdade é que a nossa política externa hoje é respeitada. Hoje, nós participamos de decisões, somos ouvidos, e isso tem permitido um crescimento exponencial do Brasil. A decisão de se voltar para a América do Sul é porque eu não poderia prescindir de países que têm fronteira com o Brasil, que têm mercado, que têm potencial, e que podem comprar. É só ver o resultado disso, que é o crescimento de 86% no nosso comércio com a América do Sul. Ou o Brasil vende para a Venezuela ou os EUA vendem. Ou o Brasil vende para o Equador ou os EUA vendem. Então, nós resolvemos ocupar esse espaço. Resolvemos ocupar o espaço no Oriente Médio, é só pegar o balanço do crescimento, sem abrir mão da nossa relação com os EUA e a Europa. Sem abrir mão, porque são duas regiões muito importantes para nós, mas nós não queremos ficar dependendo apenas de uma.



**Carta-Capital:** Há quem disse que, a levar em conta o entusiasmo popular e o apreço internacional, o governo Lula poderia ter ido muito mais longe, e, na prática, foi tímido.

**Presidente:** Eu te confesso que preferi a timidez. Eu preferi ir devagar. Porque conheço a história do Brasil. Já vi momentos de possíveis glórias no Brasil, em que parecia que a humanidade seria salva a partir do Brasil, e no dia seguinte o Brasil estava no chão outra vez.

Eu vi momentos e mais momentos, se quiser pegar os mais recentes, de políticas econômicas frustrantes, de coisas que não deram certo, deram certo por seis meses, oito meses. Eu falei: “Bom, eu tenho um mandato de quatro anos, tenho de construir nesses quatro anos”. Se nós consolidarmos uma coisa forte e que vá caminhando, vai chegar o momento em que essa solidez passa a ser a normalidade do Brasil e não anormalidade. E quando isso estiver sendo a normalidade do Brasil as coisas vão acontecer. Se o governo for sério, é só gastar o que pode gastar. Para tanto, não precisava ir à Fundação Getulio Vargas ou à USP. Isso eu aprendi na minha casa, com a dona Marisa Letícia.

Poderíamos ter dado um passo a mais? Poderíamos. Mas aí vem a hora da decisão, que cabe a mim. E eu falo: “Não, vamos nesse andar mesmo que está bom, não quero ter distensão”.

**Carta-Capital:** No caso da política agrária, e da relação com o MST, a timidez não foi um pouco exagerada?

**Presidente:** Não, não tem timidez aí não. Aí tem preço de terra. É menos timidez e mais o preço de terra. O ministro Miguel Rossetto, eu e outros companheiros nos reunimos muito com o MST. Trata-se de um movimento muito importante, muito sério, mas hoje a questão da terra não está apenas na mão dos sem-terra. Mudou a conjuntura nos últimos dez anos.



Hoje temos sindicatos ligados à CUT na área rural, tem a Contag. Havia milhões de pequenos produtores no campo, 4 milhões, 4,5 milhões. Dissemos o seguinte: “Precisamos garantir que os assentados tenham condições de trabalhar nas terras. Caso contrário, deixarão o campo e se mudarão para a cidade, com a possível pretensão de ocupar mais tarde outra terra. Fizemos uma forte política de investimentos na agricultura familiar, e qual o dado concreto? O dado concreto é que a safra 2002/2003 tinha previsto R\$ 5 bilhões e só foram liberados R\$ 2,4 bilhões. Nós, em junho deste ano, terminamos liberando R\$ 6,2 bilhões e disponibilizamos R\$ 9 bilhões para terminar em junho do ano passado. Tão importante quanto o volume de dinheiro foi a nacionalização do Pronaf.

O pequeno produtor do Norte e do Nordeste não tinha acesso a banco, ou o gerente não queria atendê-lo, ou porque não tinha prática, ou porque ele não sabia. Hoje, se você reparar, vai perceber que esse financiamento para a agricultura familiar está nacionalizado. Estados que tinham mil contratos hoje têm 40 mil. E mais importante ainda é que nós fizemos uma forte dosagem de assistência técnica. Havia lugares com 5% de assistência técnica e hoje tem 85%. Depois, nós tomamos outra medida importante: comprar alimento. Faz três anos que você não ouve falar nas frentes de trabalho do Nordeste brasileiro por causa da seca. Porque nós temos uma forte política, seja através do Bolsa Família, seja através da compra de alimento, para garantir a continuidade da produção.

**Carta-Capital:** Mas por que o tucanato diz que eles fizeram mais que o governo Lula?

**Presidente:** Você está lembrado de que eu fiz um discurso dizendo o seguinte: “Não vamos ficar competindo em número de pessoas assentadas, porque muitas vezes você assenta alguém no fim do mundo, para garantir tirá-lo da rua



fazendo manifestação. Nós vamos garantir a qualidade das pessoas que têm a terra”. E eu duvido que em algum momento da história brasileira os trabalhadores rurais tiveram o tratamento que estão tendo no nosso governo. A melhor coisa é você perguntar para os dirigentes sindicais, para os trabalhadores rurais, e mesmo para os sem-terra.

**Carta-Capital:** O Stedile não parece estar muito contente...

**Presidente:** Mas o Stedile tem um pensamento fortemente ideologizado sobre essas coisas. E olha que eu gosto muito do Stedile, é um grande companheiro. Mas eu já o vi dizer várias vezes “o governo acabou”, e o governo nem tinha começado. Então fico imaginando o seguinte: toda essa gente, esses teóricos que me bateram durante três anos, agora precisa pegar os dados do IBGE publicados pelo Pnad, e trabalhar eles com carinho. Não precisa nem acreditar no que a imprensa já publicou, não precisa nem acreditar nos comentários feitos apressadamente. Pegue os dados e analise friamente os macrodados, os microdados, e nós vamos perceber uma coisa: é a maior diminuição de diferença entre ricos e pobres na história do País. São 3 milhões de pessoas que deixaram a condição de indigência.

**Carta-Capital:** São números ainda pequenos, não é?

**Presidente:** Obviamente que são pequenos, porque pequeno também é o tempo que eu estou no governo.

**Carta-Capital:** Mas há quem fale em proletarização da classe média...

**Presidente:** Não é verdade. Deixa lhe dar um dado importante: nós começamos o programa Fome Zero em fevereiro de 2003. Não tinha cadastro



no Brasil. É um trabalho que nós só fomos consolidar a partir do fim de 2003. Muita gente acha que isso é proselitismo, assistencialismo, dar Bolsa Família.

Eu de vez em quando vejo dentro do meu partido alguém criticar, na esquerda mais ortodoxa. E eu penso: o cidadão que fala uma asneira dessas nunca passou fome. Eu estava vendo o dado da CNI, o salário subindo 6,9%. Desde 1980, os acordos salariais eram feitos abaixo da inflação. Eram raras as categorias que conseguiam um reajuste igual à inflação.

Você está lembrado, eu fiz aqueles famosos 41 dias de greve e voltei a trabalhar sem nada. Este ano, 85% dos acordos salariais foram feitos acima da inflação, numa demonstração de que a chamada “sociedade organizada”, aquela de carteira assinada, começa a se recuperar. Na hora em que a economia começa a crescer, e as empresas com ela, os trabalhadores vão para cima. Isso faz parte do jogo.

**Carta-Capital:** No entanto, a mídia em peso louva a política econômica e desanca o resto?

**Presidente:** Não louva a política econômica.

**Carta-Capital:** Louva, louva. Palocci virou um herói.

**Presidente:** Em termos, porque o que estão fazendo com o Palocci...

**Carta-Capital:** No momento... Voltemos, porém, ao tucanato, se o senhor me permite, porque é um capítulo importante. O senhor porta-se com superioridade, no entanto, o tucanato está aí com fúria feérica. Sem contar os tucanos que pedem seu impeachment todo dia.



**Presidente:** Eu não sou cientista político, mas eu analiso muito as coisas que leio e ouço. Às vezes vejo o nervosismo de algumas pessoas que em tempos outros considerei amigos e agora estão muito nervosos, muito irados. É que essa gente toda apostava no fracasso total e retumbante do meu governo. Isso não aconteceu. Depois, imaginavam que nós iríamos afugentar capitais e isso não aconteceu. Depois, acreditavam que nós não iríamos fazer política social e eles ficam doentes quando faço a comparação. E eu faço a comparação porque eu não tenho outro período, eu não posso comparar com Getúlio Vargas, não posso comparar com Floriano Peixoto. Eu tenho de comparar com quem eu sucedi. E eu trouxe um dado aqui. Eles ficam doentes quando eu digo que em oito anos de mandato eles criaram 8 mil empregos por mês, e que nós estamos criando uma média de 108 mil por mês. Isso os deixa muito nervosos. Eu não posso ficar nervoso. Sou presidente da República, tenho de ficar sempre calmo, sempre tranqüilo.

Observe outro fator do nervosismo deles: saneamento básico, tivemos um aumento, nesse período, de 281% na média dos investimentos. Vou dar o número real: a média gasta pelo governo passado, de 1995 a 2002, foi de R\$ 474 milhões/ano. A nossa média, entre 2003 e 2004, foi de R\$ 1,8 bilhão com mais R\$ 2,5 bilhões liberados agora e com mais R\$ 2 bilhões do Orçamento da União. A quantidade de dinheiro que nós estamos colocando em algumas coisas é infinitamente superior a qualquer momento da história do Brasil, porque tudo isso aqui significava gasto. Saneamento básico significa melhorar a qualidade de vida das pessoas. Para cada real que você investe em saneamento você economiza quatro na saúde.

**Carta-Capital:** FHC fica dizendo que a única coisa boa do seu governo é a política econômica que ele inventou.



**Presidente:** Olha, eu fico muito feliz quando percebo que as pessoas estão comendo um pouco mais, que as pessoas estão tendo acesso a alguma coisa. Quando terminar meu governo, vamos poder medir. Vou te dar um dado que os economistas que escrevem para CartaCapital podem ajudar a avaliar, nosso companheiro Belluzzo, nosso companheiro Delfim Netto – quem já imaginou eu chamar o Delfim Netto de companheiro... Seguinte: há apenas uma meia-verdade de que uma parte da grande elite brasileira, seja dos meios de comunicação, seja do empresariado, gosta do Palocci. Obviamente, alguns respeitam. Eu, pelo menos, acho que se não fosse o Palocci a gente não teria chegado nessa situação de confiabilidade do Brasil. Por uma razão: por ele não ser economista e não ficar tendendo a ficar nervoso com as teses, porque eu conheço muito os nossos companheiros.

Mas veja uma coisa: o que essa elite vendeu nos últimos 90 dias? Vendeu a idéia de que, se a economia está bem, não é por conta do governo. Onde então não precisam mais do Palocci. E aí começaram a cutucar-lhe a vida. Eu estou preocupado, porque daqui a pouco eles vão querer analisar o passado do Palocci, e se ele não cometeu heresias até no ventre materno. Eu tenho conversado muito com o Palocci, tenho mostrado que o pessoal do PSDB de São Paulo não é tão amigo dele não.

**Carta-Capital:** Mas ele parece que freqüenta algumas fazendas tucanas...

**Presidente:** Não sei. Eu sei que ele freqüentava o meu sítio, quando eu morava em São Bernardo, que tem só 14 mil metros quadrados. Eu acho que as coisas vão acontecendo aos poucos. Tenho aqui meus dados sobre o poder aquisitivo. Carne em 2002, com um salário mínimo, a pessoa poderia comprar 29,2 quilos de carne, hoje 35,9, ou seja, melhorou o poder de compra 23%. Leite, 170,9 litros em 2002, hoje 206,9, aumentou 21%. Feijão, 77 quilos, ante 96, aumentou o poder aquisitivo em 25%. Arroz, 173 quilos ante 240, aumentou



26%. Cimento, que é uma coisa que eu cito muito, aumentou 64%. Nos aeroportos, as pessoas gritam: “Presidente, eles estão nervosos com o senhor, porque o arroz e o cimento caíram”. Antes você precisava de 7h30 de trabalho para comprar 1 quilo de carne com salário mínimo. Hoje, você precisa de seis horas. Antes você precisava de 1h18 para comprar 1 litro de leite, hoje 1h06. No caso do cimento, você precisava de 24 minutos e hoje de 18. Esses dados valem como possibilidade de uma política fiscal compatível com uma dívida de R\$ 1 trilhão e, ao mesmo tempo, fazer uma forte política social.

Se você me perguntasse: “Presidente, o senhor está satisfeito?” Eu diria “não. Não, porque eu quero mais. Eu quero mais e acho que nós podemos fazer mais”. É por isso que eu comecei dizendo que estou muito otimista em relação a 2006.

**Carta-Capital:** Mas vamos ter um ano de disputa política brutal...

**Presidente:** Acho que eles enveredaram por um caminho errado, ao provocar a disputa eleitoral em 2005, com o intuito de desgastar a imagem do presidente e do PT. Obviamente, o PT cometeu erros, tem de pagar por esses erros, e está pagando, e vai pagar.

**Carta-Capital:** Quando o senhor disse que foi traído, a quem se referia?

**Presidente:** Olha, eu sou uma espécie de pai do PT, e sei do sacrifício que fizemos para construí-lo. Ao dizer que me traíram não citei nomes, porque certamente não havia apenas um companheiro envolvido. O que eu disse foi o seguinte: essa prática política nunca foi aceita por nós como uma prática decente. Quem fez, me traiu. Era desnecessário. Nós perdemos onde tínhamos de perder, ganhamos onde tínhamos de ganhar, não é o dinheiro que ganha eleição. As pessoas precisam saber disso. Então acho que nós estamos



enveredando por um caminho muito interessante. Nós já estamos vivendo um grande processo de desenvolvimento do Nordeste brasileiro, para transformá-lo numa área que tenha as mesmas condições de daqui a alguns anos se igualar à parte mais desenvolvida. Essa coisa está na minha cabeça desde 1993, depois que li um livro sobre Roosevelt em que ele falava sobre o Vale do Tennessee. E eu achava que o Nordeste brasileiro não tinha de ser o eterno produtor de pobres do Brasil. O Nordeste brasileiro precisava de uma chance. A Sudene cumpriu uma etapa importante até que alguns se apoderaram dela e a levaram ao fracasso, por conta da corrupção.

Então, o que nós estamos fazendo no Nordeste? Primeiro, estamos aplicando um extraordinário projeto de desenvolvimento para o Nordeste. Nós estamos construindo uma ferrovia de 1.800 quilômetros de extensão, ligando vários estados, e ela vai ligar o Porto de Suape ao Porto de Pecém, e vai pegar toda a produção de Eliseu Martins, no Piauí.

Nós estamos fazendo um pólo siderúrgico, que vai ser anunciado no dia 15, em Fortaleza. Nós estamos fazendo a refinaria em Pernambuco. Nós estamos fazendo a BR-101 Nordeste que vai ser a grande BR de turismo. E nós estamos com um forte programa do biodiesel, destinado às regiões Nordeste e Norte de forma prioritária. E estamos fazendo, no Norte, o gasoduto Coari-Manaus, a rodovia que liga o Brasil ao Pacífico.

E, no Congresso, estamos aprovando o Fundeb, a grande revolução na educação brasileira. Ali vamos colocar R\$ 4,3 bilhões a mais, para atender à demanda dos estados mais carentes, e quem vai ganhar outra vez é o Nordeste brasileiro, veremos as crianças nordestinas terem as mesmas oportunidades do Centro-Sul e do Sul do País.

Estamos pensando na transposição das águas do rio São Francisco, cuidando da revitalização. Aliás, apareceu muita gente para defender o São Francisco. Se houvesse antes, o rio não estaria assoreado, não estaria poluído e as matas ciliares não teriam sido liquidadas.



**Carta-Capital:** Mas 2006 será também um ano de batalha política feroz...

**Presidente:** Será. Mas, veja, em primeiro lugar eu acho importante o embate político.

**Carta-Capital:** Em 2005, no entendimento de Carta-Capital, não tivemos exatamente um embate político.

**Presidente:** Foi um massacre. Eu, certamente, não posso dizer, como presidente da República, tudo o que penso a respeito do que aconteceu em 2005. Eu sou favorável que todas as denúncias sejam apuradas. Diga-se que, na verdade, quem mais investigou e mais prendeu até agora foi a Polícia Federal.

Agora, em alguns momentos me pareceu claro que pouco importava a verdade para alguns setores. Qualquer coisa que fosse contra o governo vamos dar destaque, porque o objetivo é desgastar o governo. Essas e outras coisas que muitas vezes me deixam muito magoado, e deixam muita gente do governo magoada. Mas então sou tomado pela fixação de que tenho de ter paciência. Não posso ficar nervoso nunca, não posso ficar irritado nunca. Às vezes, ouço nos programas partidários coisas do arco-da-velha contra a gente e nem fico nervoso, porque o PT também já falou muito deles em outros momentos. A única coisa que eu acho é a seguinte: “olha, faça o que quiser, grite do jeito que quiser gritar, mas este país está consolidando a sua democracia”.

Este país tem instituições e, portanto, a democracia é extraordinária, desde que todos nós, os 187 milhões de brasileiros, a exerçamos e pratiquemos com a maior responsabilidade possível. Isso eu falo todo santo dia para os meus companheiros: “Olhe, a democracia é um exercício eterno de



paciência, de tolerância, de saber onde começa o direito de um e termina o direito do outro, de saber qual é o limite de cada um...”

**Carta-Capital:** E também de não acusar sem provas...

**Presidente:** Eu fico pensando nessas acusações... Eu fico pensando que um dia a história vai julgar o que aconteceu em 2005. Como sou defensor da liberdade de imprensa, concluo: “Juiz será o leitor”.

Um dia levantaram: “Ah, o Lula está indo para a rua porque quer imitar o Chávez”. Eu não quero ser que nem o Chávez, nem o Chávez quer ser igual a mim. O Chávez é o Chávez e eu sou eu. Agora, eles estão agindo no Brasil como a Fedecámaras agiu na Venezuela, sem respeitar o jogo da democracia. Porque você pode não gostar do Chávez por “n” motivos, agora, o cidadão faz uma eleição, faz uma Constituição, faz um referendo, ganha o referendo, faz outro referendo, e ainda assim acham que não é democrata? Aí também é demais.

Outros governaram a Venezuela tantos e tantos anos e não fizeram a política social que ele está fazendo. Não se importaram com os pobres, como ele está se importando. Mas em toda a América do Sul mudou muita coisa...

**Carta-Capital:** A América do Sul está indo para a esquerda?

**Presidente:** Eu acho que está indo para a esquerda.

**Carta-Capital:** O senhor é de esquerda?

**Presidente:** Você sabe que eu nunca gostei de me rotular de esquerda. Eu sou torneiro mecânico e cheguei à Presidência da República por obra e graça da paciência...



**Carta-Capital:** Por que não aceitar a definição de Norberto Bobbio? Ser de esquerda é lutar pela igualdade.

**Presidente:** Eu não preciso ser de esquerda para lutar pela igualdade.

**Carta-Capital:** Os senhores da mídia nativa lutam pela igualdade?

**Presidente:** Se lutar pela igualdade for a grande definição de esquerda, não tem mais esquerdista do que eu no mundo. Na verdade, luto para que todos usufruam o resultado produzido pela nação. E acho que é possível conseguir.

É que, quando você pega um país que ao longo da sua história não se importou com o social e nas últimas décadas teve 20 anos de atrofiamento, e pega um país com 54 milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza, você imaginar recuperar isso em pouco tempo é impossível. O que você precisa é construir bases sólidas para que esse seja o resultado final.

**Carta-Capital:** Voltamos à chamada crise: qual foi o problema central? Alguns do PT buscaram um operador e o operador estava errado? E faz parte das tradições do PT “operar”?

**Presidente:** Eu acho que você pode operar adequadamente, pode prestar contas das coisas que você fez.

**Carta-Capital:** Mas “operar”, entre aspas, no Brasil é outra coisa...

**Presidente:** Eu acho que alguém sonhou demais. Os acordos partidários foram, na minha opinião, pelo menos, equivocados. Acho que o compromisso



de dar dinheiro não é o mais correto, porque cada partido tem de fazer a sua campanha.

Numa candidatura majoritária, o dinheiro arrecadado é gasto entre os partidos da coligação eleita. Agora o PT ficou numa situação complicada, porque deve o que não pode pagar, vai levar muitos anos para pagar essa dívida e eu não sei se os bancos vão aceitar o parcelamento. Trata-se do ato de corrupção mais inusitado da história da humanidade, ou seja, alguém pratica a corrupção com dinheiro emprestado e pagando juros, eu não consigo entender. Tem alguma coisa errada aí.

Mas, de qualquer forma, o PT pagou esse episódio. Agora, tentar negar que a história política deste País é cheia de altos e baixos, é cheia de denúncias, é só viajar pelo Brasil nas eleições municipais e verificar o que os adversários falam uns dos outros. Lembro de uma vez em que disputaram a eleição em São Paulo o Quércia, o Antonio Ermírio de Moraes e o Maluf. O que um dizia do outro era tão grave que, se o Brasil tivesse uma Justiça Eleitoral muito brava, não deixava nenhum dos três ser candidato, tamanha era a quantidade de denúncias.

O que eu acho grave é que essas denúncias são feitas e não se apura, não acontece nada e fica por isso mesmo. Ordem minha ao ministro da Justiça: “Denúncia que tiver indício de prova, chama a Polícia Federal para fazer uma investigação correta”.

**Carta-Capital:** É razoável supor que todas as privatizações foram uma das sementes dos problemas de hoje?

**Presidente:** Eu penso, por tudo que li e leio na imprensa, que tivemos problemas sérios em algumas privatizações. Muito difícil é imaginar que você pode, em três ou quatro anos, depois remontar tudo...



**Carta-Capital:** Mas não haveria ali uma semente?

**Presidente:** Eu acho que houve coisas muito equivocadas no processo de privatização brasileiro. Graças a Deus nós não precisamos privatizar nada.

**Carta-Capital:** O senhor é candidato à reeleição?

**Presidente:** Eu só não posso dizer que sou candidato porque não resolvi um problema meu, de foro íntimo. Sei que a minha candidatura é importante para o PT, e sei que minha candidatura é importante para uma parcela imensa da sociedade e para alguns partidos que estão conosco. Mas, por ora, só posso dizer que ainda não decidi. Certo é que eu gostaria de mostrar o que está acontecendo no Brasil, num debate com esses que já estiveram no poder por tantas e tantas décadas, tantos e tantos séculos.

**Carta-Capital:** Os tucanos são os herdeiros da UDN paulista?

**Presidente:** Olha, eu acho que o preconceito e a raiva de alguns tucanos... Pense como trataram a Marta na eleição paulistana. A Marta não é nenhuma proletária...

**Carta-Capital:** Usa belíssimos tailleurs...

**Presidente:** A Marta é uma mulher da alta sociedade paulistana e foi tratada com um ódio de classe impressionante. E eles têm demonstrado isso a cada passo. Acho que eles têm se comportado de forma inadequada nas suas investidas políticas.

**Presidente:** Quem será o candidato dos tucanos?



**Presidente:** Parece-me que tudo caminha para ser o Alckmin...

**Carta-Capital:** Mais que o Serra?

**Presidente:** Eu acho que mais que o Serra. Até porque o Serra pagaria um preço enorme por abandonar São Paulo, depois de um ano e quatro meses na Prefeitura.

**Carta-Capital:** E por onde o senhor espera outras investidas deles?

**Presidente:** Eu acho que vão tentar continuar desgastando o governo. Isso está explícito em todo o discurso deles. Gostaria é de um processo eleitoral civilizado como todos aqueles de que eu participei. Nunca fiz campanha de baixo nível. Com o Collor e nas duas eleições com o Fernando Henrique Cardoso. Não gosto de atacar pessoas no plano pessoal, não gosto de entrar na vida de ninguém. Gosto de debater política.

**Carta-Capital:** Roberto Marinho manipulou o debate com Collor. Pessoalmente aliás...

**Presidente:** Eu nunca tive, na minha história, a pretensão de ter a imprensa do meu lado. Se você for analisar o que a imprensa fez comigo nos últimos 30 anos, você vai perceber que teve um comportamento muito mais contra do que neutro. E eu não quero imprensa a favor, eu quero imprensa que respeite a verdade factual. O fato é o fato.

Agora, quando publicam-se invenções, ou aceita-se o depoimento de quem não merece credibilidade como se fosse verdade, é muito ruim para todo mundo. Eu só consegui ser candidato em 1994 e 1998 porque venci todas as



mágoas da eleição de 1989. Toda vez contava até dez para dizer: “Não vou ficar remoendo, vamos pensar para a frente”. Por isso estou aqui.

**Carta-Capital:** Em relação à política econômica, nos dê um pouco de alento.

**Presidente:** Eu vou dar um pouco de alento. Daqui a cinco meses, nós vamos voltar a conversar e você vai ver. Você pode escrever que a política econômica brasileira vai crescer, você pode escrever que os juros vão continuar caindo, e você pode escrever que nós vamos crescer mais fortemente até do que crescemos em 2004. Há todas as possibilidades para isso. Não vou permitir, por conta da eleição, que a gente trunque a economia brasileira. Sabe o que eu quero, no fundo, muito mais do que uma reeleição? Eu quero é poder, dia 20 de dezembro de 2006, apresentar o mapa do meu governo. O que foi feito no Brasil, comparado àquilo que se fez até 31 de dezembro de 2002. Se eu fiz menos, vai aparecer menos. Se eu fiz mais, vai aparecer mais. Você sabe que eu sou um homem preparado para viver sem corte. Eu me preparei a vida inteira para viver sem corte. Você deixar a Presidência da República, voltar para casa e falar: “Bom, acabou esse período da minha vida e agora eu vou entrar em outro”, esse é um desafio que nem todo mundo está preparado para enfrentar. Eu estou.

**Carta-Capital:** Eu posso apostar que o senhor vai se recandidatar?

**Presidente:** Aí é uma aposta que você faz...

**Carta-Capital:** Parece inevitável, de todo modo, que na eleição de 2006, o PT sofra um recuo em relação a 2002. Isso teoricamente obrigaria o seu governo a fazer acordos mais amplos do que os atuais.



**Presidente:** Qual é a hipótese que um candidato à reeleição tem que fazer? Se for uma pessoa honesta, que quer sair do governo do mesmo jeito que entrou, de cabeça erguida, só pode ser candidato se, em primeiro lugar, tiver a convicção muito forte de que o segundo mandato será melhor do que o primeiro. Segundo, se para ser candidato não tiver de vender a alma ao diabo nas suas alianças políticas. Caso contrário, se ganhar é vitória de Pirro, ganha e não governa.

Então, eu medito muito, penso muito, para tomar essa decisão. Porque, na hora em que tomar, eu sei que é para ganhar, não tomaria a decisão para disputar. E sei que o PT está mais fragilizado. A não ser que devolva aos acusadores as acusações que fizeram contra ele.

**Carta-Capital:** É possível?

**Presidente:** É possível devolver para os que nos atacaram grande parte daquilo que foi jogado nas nossas costas. Acho que aos poucos o PT se restabelece.

**Carta-Capital:** E aos poucos os juro baixarão?

**Presidente:** Eu aprendi uma coisa com o doutor Ulysses Guimarães. Ele dizia: “A única coisa em política que a gente não pode explicitar são números da economia antes de você realizá-los. Senão você não faz”.

**Obs.: Texto cedido pela equipe da revista Carta Capital**